

Homenagem ao Professor Fernando José Cardim de Carvalho

Por Francisco Eduardo Pires de Souza

Colégio Brasileiro de Altos Estudos, UFRJ, 5 de setembro de 2013

Conheci Fernando Cardim em 1976, quando começamos a cursar o mestrado de Economia na Unicamp. Desde então mantivemos estreitos laços de amizade e passamos por muitas experiências em comum (ambos fomos discípulos, orientandos e amigos do Castro, trabalhamos juntos no IBGE, lecionamos na UFF, depois viemos para a UFRJ, e escrevemos alguns trabalhos juntos – artigos e um livro). Por isso, quando me convidou para fazer essa apresentação, Cardim se justificou, no seu tom brincalhão de sempre, dizendo que, me escolhendo, não ia dar trabalho a ninguém, porque eu tinha acompanhado toda a sua trajetória e não ia ter que ficar pesquisando em diversas fontes para poder falar dele.

Me senti autorizado, portanto, a falar do Cardim e sua obra a partir de um olhar específico, isto é, de uma perspectiva viesada pelo meu acompanhamento de sua trajetória de vida pessoal e profissional. E por ser essa uma visão pessoal, que não passou pelo crivo do nosso homenageado, vou utilizar muitas vezes termos como “talvez”, “provavelmente”, etc, para indicar que se trata de uma interpretação minha, que poderá ou não ser confirmada por outros, inclusive o próprio Cardim.

“Começando pelo começo”, no seu período de formação como economista, quando o conheci na Unicamp, Cardim já estava se aproximando do quadro de referência teórico que seria a marca maior da

sua vida profissional: a economia de Keynes. Havia poucos centros de pós-graduação em economia naquela época, e a Unicamp era a única alternativa à ortodoxia. Lá não havia sequer uma disputa entre ortodoxos e heterodoxos, mas um cardápio de opções heterodoxas. Os três autores mais estudados por nós naquele curso eram Marx, Kalecki e Keynes. Nessa ordem. Com alguns outros amigos constituímos um pequeno grupo de estudos (**SLIDE 2**), e passamos um semestre inteiro tentando decifrar alguns pontos críticos da teoria de Marx, entre os quais, destacadamente, “a lei da tendência declinante da taxa de lucro” (determinada pela elevação da composição orgânica do capital). Enquanto nós outros gastávamos toda a nossa energia intelectual naquele tipo de tarefa, Cardim já demonstrava um ceticismo crítico em relação a tais formulações e nos questionava sobre a aderência daquele tipo de proposição ao mundo real. Portanto, qual seria sua relevância? Também me lembro de ser surpreendido, bem como de ter sido influenciado, pelas suas observações críticas à teoria do investimento de Kalecki, porque a ela faltavam ingredientes básicos que estavam no cerne da teoria de Keynes: as expectativas em relação ao rendimento futuro associado ao investimento, num mundo em que o futuro é inescapável e profundamente incerto.

Mas sua adesão, digamos assim, oficial, ao keynesianismo se deu durante nossa participação, em 1981, na primeira *Summer School* (do Centro de Estudos Econômicos Avançados) em Trieste, promovida por pós-keynesianos como Kregel, Davidson e Minsky e neo-ricardianos, como Garegnani. Lembro-me bem do dia em que, chegando a Trieste, o Castro nos apresentou ao Kregel. Supostamente deveríamos ouvir mais do que

falar, mas o Cardim começou a discorrer sobre Keynes de forma tão entusiasmada, que ficamos todos ouvindo o que ele dizia, confundindo às vezes o discípulo com o mestre. Acho que ali começou um relacionamento que levou o Kregel a ser uma figura tão presente hoje no Brasil. Ali também o Cardim travou o início de uma relação com o Paul Davidson, que o levaria a fazer o doutorado em Rutgers, sob orientação daquele que talvez fosse, naquele momento, o principal economista pós-keynesiano. Ao final do encontro de Trieste, Cardim me chamou para uma conversa séria. Queria saber sobre a minha opção em termos das correntes de pensamento que nos tinham sido apresentadas e, diante da minha hesitação e preferência por uma posição mais neutra, e de certa forma eclética, reagiu de forma quase enérgica, defendendo a necessidade de assumir uma posição. E então anunciou que ele já tinha feito sua opção: pela posição pós-keynesiana. Uma opção que manteve até hoje.

Fico pensando que talvez essa urgência pela opção, por levantar logo uma bandeira, tenha a ver com uma primeira característica do Fernando Cardim que eu gostaria de destacar aqui, que é a sua característica aglutinadora, de liderança, de construção de instituições. O Cardim pouco a pouco foi formando uma espécie de uma escola: montou na Universidade um grupo com seus discípulos (os dois Rogérios, o Luiz Fernando, a Jennifer, entre outros), além de um conjunto bem mais amplo de orientandos que não necessariamente ficaram na Universidade (como a Lavínia) e seguidores (o Fernando, dada sua qualidade e talento como professor, sempre foi muito popular entre alunos e orientandos), o que acabou contribuindo para a difusão do pensamento pós-keynesiano no Brasil.

Num texto escrito para a Revista *Economia e Sociedade*, nosso homenageado se refere ao isolamento a que estavam confinados, sobretudo nos anos 80, no mundo anglo-saxão, os economistas Keynesianos, ao contrário do que acontecia no Brasil, onde havia um grande número de interlocutores com quem discutir suas idéias. Eu testemunhei aquele isolamento quando, morando na Inglaterra, fui participar de um grupo de discussões coordenado pela Victoria Chick – que quando vinha ao Brasil, a convite do Cardim ou da Carmem Feijó – despertava grande interesse. Pois na reunião de Londres, compareceram apenas 4 ou 5 pessoas, das quais umas duas ou três tinham um sotaque familiar (brasileiro). Era um contraste com o que se passava por aqui. E o Fernando, ao formar tantos discípulos e influenciar colegas, neste campo do pensamento, deu uma contribuição fundamental para criar um ambiente acadêmico propício ao debate e à difusão do pensamento de Keynes no Brasil e do qual nasceria, muitos anos depois, a Associação Keynesiana Brasileira, que por todas essas razões homenageou o Cardim em seu 4º Encontro, em 2011 (**SLIDE 3**).

Mas esse papel institucional do Cardim vai muito além do keynesianismo. Nosso homenageado teve uma atuação muito importante nas instituições relacionadas à pesquisa e ao ensino, como Capes, CNPQ e ANPEC – da qual foi secretário executivo no começo dos anos 1990 e onde proferiu a Aula Magna de 2008, como homenageado daquele ano (**SLIDE 4**). Por fim, aqui na UFRJ teve uma atuação decisiva na consolidação da área de macroeconomia, tendo se tornado uma referência e proporcionado uma identidade aos cursos de pós-graduação (na Área de Macro) do Instituto

de Economia - identidade essa que atraiu muitos alunos à nossa pós-graduação.

Uma segunda e óbvia característica do Cardim é sua impressionante capacidade e produtividade intelectual. Sei que aqui estou juntando mais de uma característica, mas para me ater ao número mágico de três características, preciso juntá-las como se uma só fossem. Fernando tem uma grande erudição, que resulta de uma enorme capacidade de leitura e absorção de conhecimento. E a isso ele associa uma capacidade de processamento e produção intelectual também muito grande. E juntar as duas coisas não é tão fácil assim. Muitos na academia tem vasto conhecimento, mas pouca produção. Outros, em menor número, conseguem produzir muito, mas com muita repetição. São poucos os que conseguem ter muito *input* e *output* ao mesmo tempo.

Muito ajuda ao Fernando, neste caso, a sua prodigiosa memória. E aqui sou obrigado a revelar que a sua memória invejável não é só para as coisas importantes, mas também para todo tipo de informação, sem qualquer relevância que não a de proporcionar o entretenimento de quem convive com ele, e tem o prazer de saborear os detalhes de deliciosas reminiscências e histórias, que ele é capaz de ir desfiando, uma após a outra, infindavelmente.

No que se refere à sua produtividade vou ser mais objetivo: nos últimos 30 anos Cardim publicou uma média de 2 artigos por ano em periódicos científicos (muitos dos quais estrangeiros, de primeira linha), 2 capítulos de livros por ano, além de livros, trabalhos publicados em anais de congressos, artigos na imprensa, etc.

Apesar da espinha dorsal keynesiana presente em toda a obra, a temática mudou ao longo do tempo.

No final dos anos 1970 quando começamos a trabalhar no IBGE, íamos com frequência à livraria interciência sobretudo atrás da produção académica estrangeira (naquela época não havia Amazon, etc, e com as restrições cambiais de então, importar alguns livros era extremamente difícil). E foi lá que, um certo dia o Cardim deu um pulo quando achou um livro do Paul Davidson que ele há muito procurava, chamado *Money and the Real World*.

Apesar de empolgado com o “Money and the Real World”, creio que, durante muitos e muitos anos, seu interesse pelo chamado *Real World* foi relativamente baixo. Se olharmos a produção académica do Cardim, até o começo dos anos 90 percebe-se que ele se interessou principalmente por teoria pura e publicou basicamente trabalhos sobre aspectos teóricos e metodológicos da economia de Keynes, tais como “Alternative Analyses of short and long run in Post keynesian Economics” (JPKE, 1984), “Keynes on Probability, Uncertainty and Decision-Making (JPKE, 1988), Keynes and the long period (Cambridge Journal of Economics, 1990), “A não neutralidade da moeda em Economias Monetárias de Produção” (Estudos Económicos, 1991), só para citar alguns exemplos (**SLIDE 5**).

Acredito que o sentido deste conjunto de trabalhos seja a tentativa de identificar quais são os traços essenciais de uma economia empresarial, monetária, capitalista, na visão de Keynes, e que contrastam obviamente com os modelos sobre os quais se apóia a teoria convencional seja neoclássica seja a dos novos clássicos. Muitos anos depois de tratar desta

temática num grande número de artigos, na sua aula Magna de 2008 na ANPEC, Cardim resumiu de forma muito clara e sintética, quais seriam essas teses centrais da economia de Keynes (objeto dessa sua primeira fase). Não vou, evidentemente, reproduzir aqui essas proposições mas gostaria de destacar uma delas:

“Entre as conclusões mais importantes que Keynes deriva ... está a importância do ...*estado de confiança*... A confiança numa determinada expectativa depende de quanto dessa expectativa é explicada por suposições ao invés de informações, e da confiança nessas mesmas suposições... Desta hipótese, Minsky derivou sua célebre proposição de que a “estabilidade é instabilizante”, pela qual a experiência de sucesso ... leva a aumento de ... confiança nas ... habilidades preditivas e à disposição de aumentar apostas, expondo-se a riscos crescentes” (Carvalho, F.J.C., Aula Magna, revista *Economia*, pág. 8). **(SLIDE 6)**

Se rejeitamos a hipótese dos mercados eficientes - e a crise de 2008 nos dispensa de ter que gastar tempo refutando esta hipótese – verificamos a importância fundamental das instituições financeiras e da regulação a que estão submetidas para estabilizar ou, alternativamente desestabilizar (no caso da desregulação) a economia – neste último caso contribuindo para dar asas a processos que levam à crise financeira. Esta é uma lição que quase todos aprenderam pela observação dos resultados que a extensa desregulação financeira dos anos 80 e 90 acabou provocando no final da década passada.

Creio que esse papel central que tem a estrutura financeira e sua regulação pode ter sido o fator determinante que conduziu o interesse

intelectual do Cardim quando, na sua fase mais madura, passou a se interessar crescentemente por questões do mundo real.

Quando se olha o conteúdo de suas obras a partir de meados dos anos 1990, percebe-se que, depois de alguns estudos sobre a questão da alta inflação, seus trabalhos não teóricos foram se focando cada vez mais no funcionamento do sistema financeiro, brasileiro e internacional. Aos poucos passou também a publicar textos sobre política econômica incluindo alguns temas candentes neste debate, como o referente ao controle de capitais. Contudo, a minha impressão – mas é só uma impressão mesmo - é que a crise internacional iniciada em 2007/2008 foi o que o levou a ter um interesse e um gosto definitivamente grandes pelas questões do mundo real. Fernando passou a acompanhar tudo que era escrito na imprensa brasileira e sobretudo na internacional a respeito da crise, todos os artigos em periódicos, etc, e produziu análises bastante interessantes, algumas bastante didáticas sobre a crise internacional.

Não é por masoquismo, mas nós economistas gostamos de analisar as crises porque elas, como disse Marx (e o Cardim faz referência a isso na sua Aula Magna na ANPEC), permitem compreender o que é essencial (e o que é supérfluo) no funcionamento de uma economia capitalista. E a crise iniciada em 2008 pôs em evidência para o mundo acadêmico a relevância de determinadas características da economia capitalista, e da sua institucionalidade, que se encontram no âmago da análise de Keynes e de alguns Keynesianos – pouco valorizados fora dos muros das cidadelas keynesianas – como Hyman Minsky. E essa redescoberta internacional de Keynes é gratificante para um economista como o Cardim, que teve um papel fundamental da difusão do pensamento de Keynes no Brasil.

Fernando, na sua vasta produção, passeou ainda por outros temas, como a história do FMI e de Bretton Woods. Mas eu gostaria de fazer uma pequena referência aqui a um artigo surpreendente, pelo tema, e notável pela qualidade, profundidade e beleza do texto. É um artigo do qual eu só conhecia o título e li recentemente quando estava revirando os trabalhos do Cardim para esta cerimônia. Trata-se do artigo “Decision-making under uncertainty: Keynesian and Shackle themes in three of Shakespeare’s tragedies” (“Tomada de decisão sob incerteza: temas de Keynes e Shackle em três tragédias de Shakespeare”) (**SLIDE 7**). O texto é interessantíssimo e o tema principal, no meu entender, é a interpretação de Shakespeare, em particular dos três textos ali tratados. Mas ao argumentar, com muita solidez que Shakespeare é o autor/dramaturgo do não determinismo e que a “tomada de decisão sob incerteza é seu tema central”, Cardim mostrou uma óbvia (depois de dita) identidade entre a obra de Shakespeare e o cerne da teoria de Keynes.

Nesse passeio pelos mundos de Shakespeare e Keynes, nos defrontamos com grandes questões da atualidade: porque as decisões são tomadas sob incerteza, e porque não é possível prever nem controlar os resultados da decisão tomada, é que existe a possibilidade de que as perturbações causadas pela ação sejam tão grandes, que desestabilizem a ordem, levando ao caos. Por temer errar, calcular demais, por não ser dotado do “animal spirits”, Hamlet deixa de agir quando ainda era tempo. As interpretações interessantíssimas do texto são apropriadas para pensar não apenas o comportamento dos agentes privados numa economia capitalista, mas creio que também o comportamento e os dilemas dos governos.

Feito estes parênteses, e retomando o fio da meada, gostaria de destacar, para finalizar, uma terceira característica do homenageado, a meu ver fundamental, e que tem a ver com o seu modo de ser keynesiano. É comum, e às vezes cômodo, para alguém que pertence a uma escola de pensamento, como a pós-keynesiana, a neo-ricardiana, shumpeteriana, etc, fixar-se na exegese do pensamento do autor inspirador da teoria, e adotar uma visão dogmática da mesma. Nada menos parecido com a postura de Keynes do que isso. E não me refiro aqui à sua conhecidíssima frase: “eu, quando percebo que estou errado, mudo. E você, o que faz?”; tampouco estou fazendo alusão a profunda transformação no seu pensamento, ao romper com o que ele denominava de “teoria clássica” e adotar, nas suas próprias palavras, “uma nova pele”. Estou me referindo aqui ao fato de que, dentro da “nova pele”, adotando o mesmo arcabouço teórico, era capaz de tratar de situações econômicas distintas – e portanto fazer sugestões de política econômica distintas, se não opostas – quando a realidade econômica subjacente mudava. Basta comparar, por exemplo, as sugestões que emergem da Teoria Geral, com o artigo que escreveu em 1940, sob o título “How to pay for the war”. Quem lê os artigos (ou entrevistas) do Cardim sobre questões do “mundo real”, perceberá que ele é fiel a essa postura de Keynes, de combinar a coerência teórica com a flexibilidade intelectual para entender os diferentes momentos, as diferentes realidades econômicas subjacentes.

Falar de uma vida é sempre muito difícil. É como se nos fosse pedido para falar do mundo. São tantos e tantos assuntos, aspectos e abordagens possíveis, que quando se é obrigado a fazer, como é inevitável, um

pequeno recorte no tema, fica-se sempre com a impressão de que muita coisa importante acabou sendo deixada de lado.

Pois como conhecer o Fernando Cardim sem travar contato com seu extremo senso de humor (algumas vezes disfarçado por um leve verniz de comportamento convencional e talvez sisudo, que não resiste a cinco minutos de conversa)? Ou sem saber de sua paixão pela música clássica, de Bach, Bethoven, etc? Ou sem conhecer seu fascínio e profundo conhecimento de Shakespeare, a que me referi há pouco?

E, como deixar de falar de sua colaboração e quase militância no IBASE, onde por tantos anos trabalhou sua esposa, Fernanda? E, por fim, como desvendar a figura humana que estamos homenageando, sem admirar sua paixão pelos seus dois netos, filhos do Tiago, cantados em prosa e verso nas redes sociais, nos emails, etc? **(SLIDE 8)**

Mas nessa noite tive que me ater ao Fernando Cardim economista, professor, pesquisador, acadêmico, que, a partir de agora, merecidamente, e para alegria nossa, passa a integrar o seleto grupo de professores eméritos desta instituição. Parabéns, Fernando.